



## O nome Ceará

---

Referentemente á etymología do vocibulo brazileño *Carú*—ha duas versões. Antigamente quer os nossos chronistas quer os holandezes escreviam *Siará* e *Ceará*; ulteriormente prevaleceu a nossa fórma orthographica—*Ceará*.

Qual a razão? Vamos dal-a depois de ouvir os nossos *bons e excellentes* chronistas.

Ayres do Casal, na sua *Corographia Braxilica*, tom. 2.<sup>o</sup>, pag. 195. fundado em um *DIZEM* (*icpá páhan*), asservera que *Ciará*, no idioma dos indigenas, significava—*Canto da jandaya* (!), que é uma casta de papagaio pequeno e grasnador.

Millet de Saint'Adolphe, no *Diccionario geographico do Brazil*, art. *Ceará*, apoiando-se no precedente escriptor, e em Pizarro - *Memorias historicas do R.o de Janeiro*, tom. 8.<sup>o</sup>, pag. 221, nota 1.<sup>a</sup>, tambem sustenta que o nome vem de uma certa especie de papagaio, que os tapuyos appollidavam *Ciará*. Com quanto outros (Pizarro *et reliqua*) julguem que a origem do nome está na palavra indiana—*suiá*, que quer dizer *caca* (!), e que os portuguezes achando-a com abundancia nos arredores da enseada do Mucuripe serviram-se d'este nome, que por corruptela converteu-se em *Cará* (sic).

Marcgrav, tratando do actual Estado do Ceará, escreve *Ciará* como os antigos lusos, e Barlaeus (*van Burle*) *Siará*.

No mappa, Barlaeus escreve *Ciará*, que era a denominação do pequeno rio do territorio do Rio-Grande do Norte, ao passo que Marcgrav ou melhor João de Laet o chama—*Sirag-minor*.

Segundo Jacob Rabli, allemão ao serviço de Hollanda, *Syrac-minor* ou *Siará-mirim* era a corruptela de —*Ciriapôá-mirim* (por methatese *carapó*) pequeno carangueijo redondo, rubcaceo do alagado, por causa da abundancia d'esse crustaceo no local onde se desliza esse pequeno escoadoiro chamado *impropriamente* rio! De *Ciri-apoá* ou *carápó* se fez por contracção *Ciri-á*, e depois *Ciará!!!*

D'estas combinações exóticas e outros commentarios explicativos vem como empapados os livros dos nossos chronistas!... Isto não é nada. O que mais nos admira é que homens da enfiatura de José de Alencar fossem adeptos fervorosos d'esta especie de mateologia ethnico-bluglossica!... O illustre escriptor querendo romantizar, ou por outra, tornar celebre o logar onde cantou a *jandaia* d'*Iracema*, diz que consoante a tradição « Ceará significa na lingua indigena—*canto de jandaia!* »

Eis como o romancista explica este phenomeno glottico:

« *Ceará* é nome composto de *cear*, cantar forte, clamar, e *ará*, pequena *arára* ou periquito. Essa é a etymologia verdadeira, não só é conforme á tradição, como ás regras da lingua tupy.»

Mas adiante no mesmo livro *Iracema*, pag. 213, falando da celebrada e canora *Jandaia*, diz o seguinte: « Este nome, que anda escripto por diversas maneiras *nhendaia*, *nhandaia*, e em todas alterado, é apenas um adjectivo qualificativo do substantivo *ará* (!) Deriva-se elle das palavras *nheng*, falar, *antan*, duro, forte, aspero, e *ara*, desinencia verbal que exprime o agente: *nh'ant'ara*; substituido o *t* por *d* e o *r* por *i* (*mirabile dictu*), tornou-se *nrandaia* (*sic*), d'onde *jandaia*, que se traduzirá por *periquito grasnator!!!* Do canto d'esta ave, con-

clue Alencar. é que vem o nome de Ceará, segundo a *etymologia* (o gripho é nosso) que lhe dá a tradição! »

Aqui já não é a lingua tupy que fornece ao romanista a significação do vocabulo *Ce-ará* e sua a tradição! Muito bem, *cabireté*. Quanto é feroz a imaginação do homem! Ha aqui manifesto engano, erro notabilissimo que não podemos tolerar n'um homem de lettras da estatura de Alencar.

Se este escriptor lograsse a ventura de viver até o seculo XX e visse e observasse o progresso que a Linguística americana tem feito de certo tempo a esta parte, não poria duvida em reformar as suas opiniões e crenças indianologas.

Podemos affirmar cathegoricamente que não existe, e nem jamais tivemos conhecimento de semelhante papuio, *ará-mórim*, ou periquito, cujo canto exprima a palavra — *Ceará*.

O verbo *cemo* na lingua tupy ou guarany não significa *cantar forte*, nem *chamar*, nem *gritar*, mas sim *nascer*, *sahir*; v. gr. o cão já nasceu: *jaguara o cemo ana*; elle já sabiu: *ahé o cemo ana*.

O unico verbo que na lingua tupy significa cantar é *n'enhengarú*, do sanskrito *ré ré mi, aróyé*, louvar, celebrar; cantar; ná canto. *gá, geya, gesu*, o que se pode, ou o que deve cantar, *gan, can, canami*, no latim *cano, cantar, rendre un son, r'entir*, são os radicaes sanskritos que mais se approximam da formula Guarany — *n'enhengary*, a qual na-la tem de commum ou que ao menos de longe pare;a com o estridulo canto da *jandaia*.

Verdade é, que os nossos indios brazilenos conheciam e conhecem uma ave com este nome tupyco de *jandaia*, passaro bem commum em toda a matta do Brazil, o qual tem os encontros do peito e a cabeça amarellos, como tambem conhecemos com o nome de *jandaïra* uma abelha brazilica, de cor escura vermelhada, que produz um zumbido ou ruido quasi semelhante á grasnada das *jandaias* em bando.

Este nome *jan-dáya* é originario do sanskrito *jan, jan, jajāna*, que significa engendrar, produzir, causar (no

grego, *génus, géhnomai*; no latim, *gigno, genui*; lith. *gemu, gaminu*), e *jaya, djaya* ou somente *daya*, que quer dizer *grito, canto de guerra, de victoria, etc.* *Jandaya*, quer no tupy, quer no sanscrito significa passaro que produz *som forte, ruido ou grasno*. No sanscrito os vocabulos *já, jan, jam, jara*—significam *som, ruido, canto*, d'onde os derivados *jaykara, janadana, jarandaya*: o que produz som agudo, barulho, rumor, ruido, etc., como dizem Wilson, Bopp, Westergaard, Johnson, Emile Burnouf e outros.

Portanto *jandaya* é um nome indigena commum e não podia absolutamente soffrer uma transmutação tão ant'onomastica d'entro d'uma lingua tão rigorosa nos seus preceitos grammaticaes e mechanismo philologico como é a nossa.

Dizer, pois, que *Ciará vem de jandaya* é o mesmo que affirmar—vir *Maranhão do canto do sabiá*;—o que seria um absurdo. como observadas, esdruxulas e arbitrias são as etymologias forjadas por Ayres do Casal e por Pizarro, que não se apoiam em chronista algum de nota.

A palavra *Ceará* tambem não vem de *suya*, porque este nome, se bem que tupy, não significa *cixa*, porem, sim *suaiá, cauda, rabo* de animaes, *v. gr. arara-suaiá, rabo d'arara*. Quem sabe se os nossos chronistas não admittiam tambem esta etymologia, como José de Alencar admittiu para a de *Aratanha*, que na sua opinião significa *bico de arara*?

Quanto é absurdo tudo isto!

A palavra *cara*, em tupy, não é representada pelo vocabulo *suia* ou *cuaia*, mas por *çó-ó* ou *sóhó* que quer dizer *caçá*, animal qualquer, que no sanscrito exprime-se pelo termo *só-ó*; no grego *xó-ó*, d'onde os termos scientificos de zoolatria, zoologia, zootaxia, zootomia, que tratam dos animaes em geral.

O illustrado senador Thomaz Pompeu de Souza Brazil, conhecido por um geographo de nota, falando da origem d'esta palavra *Ceará*, sem nada affirmar, disse o seguinte

no seu importante *Diccionario Topographico e Estatistico da Provincia do Ceará*:

« Presume-se que o nome da provincia (Ceará) veio do rio, em cuja barra fizeram os portuguezes, em 1610, o primeiro estabelecimento no lugar hoje chamado Villa Velha (*Tauá-cuêra*, em tupy).

O rio nasce [*cemo*] da serra (ARÁ) de Baturité do lado do norte, dos sertões dos Ratos [*guabyrús*], dos Pocinhos, e de varios ribeiros que descem ou nascem (*cemo-âra*) da serra de Maranguape de um e outro lado. Um dos braços que nasce da ponta do norte do serrote dos Pocinhos com rumo de S. O., entre a serra do Maranguape a suéste e o Arrodeador, passa perto de Cauçava (Soure) e vem reuuir-se a outro braço que, engrossado com os riachos de Jererahú, Gavião e Pirapora, passa por Maranguape, e cahé no braço principal abaixo da estrada de Soure, perto de sua fóz na Villa-Cuêra, legua e meia da cidade da Fortaleza; formando um porto espaçoso e profundo, antigamente frequentado, mas hoje impraticavel por causa dos bancos de arêa, que o rio tem feito na barra; apenas um estreito e incerto canal dá entrada a pequenas lanchas e canôas de pescarias.

Da barra para cima é navegavel por mais de legua com maré cheia: as margens são baixas, cobertas de mangues, e sempre alagadas. No lugar Villa Cuêra (hoje sitio do Gouvêa), existem restos de antigas construcções dos portuguezes e hollandezes. Ainda hoje se chama *cães do hollandez* um aterro (solcaco ou *caméricaia*) que lá existe. O rio com suas sinuosidades tem mais de 20 leguas de curso.

O braço occidental, que costeia a serra de Maranguape, corre pelo sertão de creação que se chama *Ribeira*, e só tem agua pelo inverno; o outro braço chamado Maranguapinho, engrossado por varias correntes permanentes que sahem [*cém*] da serra [*ara*] de Maranguape, ainda nas maiores seccas corre até uma legua distante da serra (*ara*) por um terreno fertilissimo, e plantado de cannaviaes, chamado (na lingua tupy ou brazilena) *Ypús* de Maranguape. »

Eis como um illustrado sacerdote cearense por meio da sciencia paleogeographica veio nos revelar a verdadeira origem tupyca do nome que possui o Estado do Ceará situado entre 2.º 45.' e 7.º de latitude meridional e 2.º 30' e 6.º 40' de long. oriental do meridiano do Rio de Janeiro.

Portanto o nome de Ceará não se origina, como disse José de Alencar — do *canto da jandaya*, papagaio pequeno, grasnador, bastante conhecido n'aquelle Estado, nem de *suia* como dizem outros, mas sim do *rio* que nasce de um grupo de serras denominado pelos tapuyás e tabajaras da Ybiapaba — *serra do Ceará*.

Pois como é sabido, os nossos indios e todos os marítimos, no dizer do illustre geographo cearense Thomaz Pompeu «dariam este nome de CEARÁ em geral ás TERRAS ALTAS (*âras*) que avistam do mar ao occidente e noroeste da capital, as quaes não são outras mais que as SERRAS de — *Cauhipe, Jud, Maranguape e Aratanhu.*»

— CEARÁ vem do adjectivo *ceia, celi*, (no sanskrito *ceia, citá, citi*) que quer dizer *muito*, o qual, junto ao substantivo *âra*, significa *reunião, grupo de serras*. *Ceia* é empregado pelos indigenas para exprimir numero ou coisa que se possa contar, e vem sempre junto aos verbos e aos substantivos que, egualmente como no sanskrito, exprimem *acervo, cumulo, reunião, grupo, congerie*, etc., o que prova que a nossa lingua tupy ou *Nenhengatú*, como já observaram os eximios indianologos José d'Anchieta, Montoya y Bandini, é muito mais escrupulosa no emprego de suas palavras, do que muitas das actuaes e *soi-disants* linguas cultas da Europa.

CONEGO ULYSSES DE PENNAFORT.